



Licenciatura em Espanhol

Teoria da Literatura I
Ana Santana Souza
Ilane Ferreira Cavalcante



**Correntes Críticas IV:
Crítica feminista e Estudos culturais**

Aula 08



GOVERNO DO BRASIL

Presidente da República
DILMA VANA ROUSSEFF

Ministro da Educação
FERNANDO HADDAD

Diretor de Ensino a Distância da CAPES
JOÃO CARLOS TEATINI

Reitor do IFRN
BELCHIOR DE OLIVEIRA ROCHA

Diretor do Câmpus EaD/IFRN
ERIVALDO CABRAL

Diretora Acadêmica do Câmpus EaD/IFRN
ANA LÚCIA SARMENTO HENRIQUE

Coordenadora Geral da UAB /IFRN
ILANE FERREIRA CAVALCANTE

Coordenador Adjunto da UAB/IFRN
JÁSSIO PEREIRA

Coordenador do Curso a Distância
de Licenciatura em Letras-Espanhol
CARLA AGUIAR FALCÃO

TEORIA DA LITERATURA I

Aula 08

Correntes críticas IV:
Crítica feminista e Estudos culturais

Professor Pesquisador/conteudista
ANA SANTANA SOUZA
ILANE FERREIRA CAVALCANTE

Direção da Produção de
Material Didático
ARTEMILSON LIMA

Coordenadora da Produção de
Material Didático
SIMONE COSTA ANDRADE DOS SANTOS

Revisão Linguística
ELIZETH HERLEIN

Coordenação de Design Gráfico
ROSEMARY PESSOA BORGES

Diagramação
HERBART MUNIZ DE AZEVEDO JUNIOR

Ilustração
MATEUS PINHEIRO DE LIMA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Joel de Albuquerque Melo Neto CRB 15/320

C837i Souza, Ana Santana.
Teoria da literatura I / Ana Santana Souza, Ilane Ferreira
Cavalcante. Natal : IFRN, 2012.
Várias paginações : il. color.

ISBN 978-85-8333-032-5

1. Teoria da literatura. 2. Literatura – Estudo e ensino. 3.
Literatura – Conceito. I. Cavalcante, Ilane Ferreira. II. Título.

CDU 82.0

Aula 08

Correntes Críticas IV: Crítica feminista e Estudos culturais

Apresentação e Objetivos

Olá, essa é a nossa última aula sobre as teorias críticas do século XX. Nesta aula, vamos conhecer os estudos culturais e a crítica feminista, que são perspectivas teóricas muito significativas para os estudos atuais. Vamos compreender um pouco da história dessas duas correntes e seus principais pressupostos. Ao final desta aula, você deve:

- compreender a origem e a evolução da crítica feminista até os dias atuais;
- conhecer a origem e os principais pressupostos dos estudos culturais;
- conhecer as relações entre essas correntes críticas e a literatura.

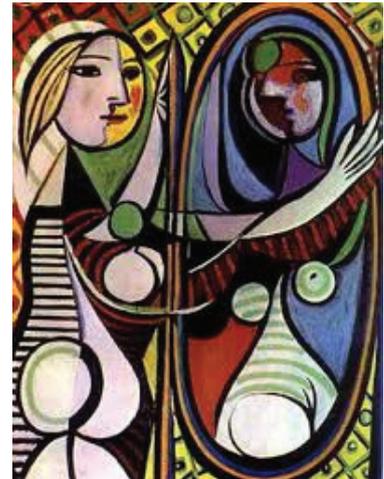


Fig. 01 - mulher no espelho



Para Começar

Aflição de ser eu e não ser outra.

Aflição de não ser, amor, aquela

Que muitas filhas te deu, casou donzela

E à noite se prepara e se adivinha

Objeto de amor, atenta e bela.

Aflição de não ser a grande ilha

Que te retém e não te desespera.

(A noite como fera se avizinha.)

Aflição de ser água em meio à terra

E ter a face conturbada e móvel.

E a um só tempo múltipla e imóvel

Não saber se se ausenta ou se te espera.

Aflição de te amar, se te comove.

E sendo água, amor, querer ser terra.

Hilda Hilst

O poema da poetisa brasileira Hilda Hilst demonstra a angústia de uma mulher acerca do seu percurso amoroso. Mais que isso, até, ela se angustia porque gostaria de atender a um modelo que já não existe, o modelo da donzela, que vive à espera do amor e pela satisfação do amado. O poema de Hilda revela, mais profundamente, uma crise de identidade feminina, crise que todas as mulheres conhecem e sobre a qual muitas se debruçaram ao longo do século XX. Crise de identidade que afeta também outros gêneros, que afeta etnias, que afeta conceitos. O mundo pós-moderno é um mundo de questionamentos. Alguns desses questionamentos serão lembrados ao longo desta aula. Vamos a ela?



1. O feminismo e a presença das minorias étnicas e sociais nos estudos literários

Na última aula, você percebeu através tanto da estética da recepção, quanto do desconstrucionismo, que vários conceitos da filosofia ocidental estavam sendo postos em questão. Esse questionamento sugere o que se convencionou chamar de “crise de paradigmas”. Ou seja, uma crise de valores estabelecidos. Para Eduardo Assis Duarte:

A crise dos paradigmas coloca permanentemente em evidência a dimensão política inerente às formulações de sentido organizadoras de hierarquias e de hegemonias, voltadas, portanto, não apenas para a imposição de verdades tidas como essências absolutas, mas, sobretudo, para o estabelecimento de procedimentos de controle social, cultural e político.”(In: DUARTE, DUARTE e BEZERRA, 2002, p. 13).

Essa crise de que fala Duarte é típica da pós-modernidade, mas sua origem remete a movimentos sociais bem mais antigos. No que tange à condição feminina, por exemplo, em 1792 a inglesa Mary Wolstonecraft já afirmava, em seu livro *Vindication of the right of woman*, “Onde está a diferença entre os sexos quando a educação é a mesma? Fortificai, desenvolvi o espírito das mulheres e se acabará a obediência cega.” (apud DUARTE et al., 2002, p. 19). Ela demonstra, nessa passagem, o quanto o tratamento era desigual não só entre os homens, mas entre homens e mulheres.



Fig. 02 - Símbolos de masculino e feminino

O mundo cartesiano (referência às ideias do filósofo Descartes) dividia o mundo em pares binários: razão X emoção, verdade X mentira, bem X mal; sem considerar as nuances e os matizes de cada um desses elementos, sem considerar que todos nós temos um pouco de cada um deles, mesclados em indivíduos complexos e em situações sociais também complexas.



Fig. 03 - Nísia Floresta

Derrida, com suas ideias de desconstrução, propõe uma revisão dessas dicotomias. As primeiras manifestações femininas em busca de igualdade antecipa essa revisão de valores em mais de um século. Wolstonecraft polemiza sobre o modelo constituído socialmente para as mulheres e reivindica igualdade pela educação. Esse seu libelo repercutiu no mundo e chegou ao Brasil quando, em 1832, a potiguar Nísia Floresta Brasileira Augusta elabora uma tradução livre do livro inglês intitulado *Direito das mulheres, injustiça*

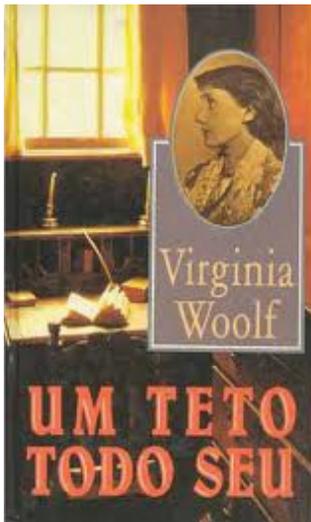


Fig. 04 - Capa de Um teto todo seu

dos homens. Para Duarte, "O que se tem pois, em ambas é o processo que mais tarde Derrida nomearia disseminação. Tanto Mary quanto Nísia partem – ou se apropriam – de textos alheios para, falando das margens do sistema, suplementá-los com sentidos desconstrutores." (2002, p. 20).

Mais tarde, no ensaio *Um teto todo seu* (1985), considerado peça fundamental para todos que trabalham as questões de gênero na literatura, Virgínia Woolf propõe que a mulher, para alcançar sua liberdade de expressão dentro da literatura, precisaria, em primeiro lugar, de um espaço e de uma renda para alcançar uma palavra sua, pessoal, uma identidade. Em ensaio anterior, Woolf já havia preconizado que a mulher, para escrever, precisaria matar o "anjo" do lar, ou seja, o estereótipo de feminilidade proposto pela sociedade.



Fig. 05 - O segundo sexo

Esse feminismo inicial, ainda tateante, em defesa da ascensão feminina à cidadania e em defesa da igualdade, constitui a origem de um movimento que mudará não só a visão social de e sobre a mulher, mas revolucionará a própria organização social, os papéis familiares e a inserção da mulher na vida pública. Assim como também instaurará uma tradição de escrita feminina através do resgate de mulheres escritoras, do estudo de sua linguagem e da constituição de novos conceitos e parâmetros de pesquisa sobre a relação masculino X feminino.

A condição de não-sujeito, de outro, leva a mulher a não ter um passado, uma história, uma tradição. Essa seria a tese advogada pela teórica francesa Simone de Beauvoir em *O segundo sexo* (1949). Neste livro, ela parte de todo o conhecimento produzido anteriormente sobre a mulher, destacando páginas e páginas de misoginia e polemiza, item

a item, com a tradição patriarcal, elaborando a sua tese de que a mulher, na história da humanidade, vem se constituindo como o verdadeiro outro, ou seja, a mulher se diferenciaria em reação ao homem pela negação. "O homem é o sujeito, o Absoluto; ela é o Outro."(apud DUARTE, 2002, p. 27).

Essa condição de negação, por essência, está também no cerne da crítica feminista atual, mas por outras vias. A ideia, a partir de meados do século XX, após a primeira grande onda do feminismo reivindicatório, é deixar a guerra pela igualdade para reconhecer os fatores de diferença. O que isso quer dizer? Que a mulher descobriu que não pretende ser igual ao homem.



Fig. 06

Ela deseja e luta por igualdade de direitos, mas essa igualdade precisa respeitar as suas diferenças, a maternidade, a menstruação, por exemplo, necessitam constar como traços que distinguem as ações femininas e masculinas.

Essa indefinição de fronteiras (igualdade na diferença; mesmo e o outro) gera um conceito novo, relacional, que é o de gênero. Um conceito que pretende analisar os aspectos que tanto se diferenciam quanto se interligam entre masculino e feminino. O conceito de gênero tem se apresentado como essencial para a discussão dos aspectos relativos aos estudos literários sob o viés do feminismo, seja estudando o texto escrito pelas mulheres, ou discutindo a representação das mulheres na literatura, seja observando os aspectos femininos nos textos produzidos pelos homens. Para Duarte,

Num mundo conflagrado, em que a afirmação identitária supera o essencialismo dos lugares bem marcados, para transitar entre as fronteiras articulando não *identidades fixas*, mas *identificações* em processo a desconstrução se politiza quanto mais se aproxima do outro. (DUARTE, 2002, p. 29).

Pensando nessas questões, como você tem percebido a interação entre literatura e os sujeitos sociais mulher, homossexual, índio e negro? O que tem sido seu foco de interesse quando o assunto é literatura? Alguns poderiam responder que se interessam pela boa literatura, não importando quem a produziu. Mas, como as “boas” obras nos chegam? Como se dá o nosso acesso a elas? O nosso repertório de leitura é formado, geralmente, pelo que é divulgado na mídia e/ou pelas obras indicadas pelas instituições de ensino. Seguimos, portanto, muito provavelmente, o cânone. Porém, de acordo com Zolin (2005, p. 275):

Historicamente, o cânone literário, tido como um perene e exemplar conjunto de obras-primas representativas de determinada cultura local, sempre foi constituído pelo homem ocidental, branco, de classe média/alta; portanto, regulado por uma ideologia que exclui os escritos das mulheres, das etnias não brancas, das chamadas minorias sexuais, dos segmentos sociais menos favorecidos etc.

A exclusão das mulheres foi enfrentada pela crítica feminista surgida no contexto do feminismo, na década de 1970. Tendo como princípio o respeito às diferenças, os historiadores, orientados pela visão feminista e se impondo contra a ideologia que historicamente determinava os caminhos da história e da crítica literária, promoveram a visibilidade da produção literária feminina. A crítica literária, antes exclusivamente masculina, passou a ser exercida pelas mulheres que também começaram a produzir mais literatura sem a obrigação de seguir os padrões masculinos e sem o temor de serem excluídas apenas por sua condição feminina. Assim, organizando-se em associações, grupos de pesquisa, em torno de eventos, as mulheres abriram caminho para a literatura das mulheres.

Quanto aos homossexuais, os estudos sobre essa temática são chamados de homoeróticos e ainda estão em um processo de construção. Contudo, na história da literatura podemos identificar em *o Bom-crioulo* (1895), de Adolfo Caminha, a primeira obra de temática *gay*. Depois, com o Modernismo, outras obras vão pontuando o

universo homossexual e nas décadas de 1960 e 1970, a temática é apresentada em associação com a política e a repressão. Nas décadas seguintes, 1980 e 1990, o que define a literatura *gay* não é apenas revelar o cotidiano sexual dos “diferentes”, “perversos” e “invertidos”. Trata-se, principalmente, de transformar em matéria de arte o “sair do armário” ou o “assumir-se”, uma atitude importante para a militância *gay* na sua luta contra o preconceito. (SANTOS; WIELEWICKI, 2005, p. 291).

Nesse rastro, citamos a teoria *queer*, que, num reconhecimento da alteridade, estuda os processos e práticas discursivas sobre o corpo e a sexualidade que constrói culturalmente o sujeito, que nessa perspectiva é o “estranho” (*queer*).

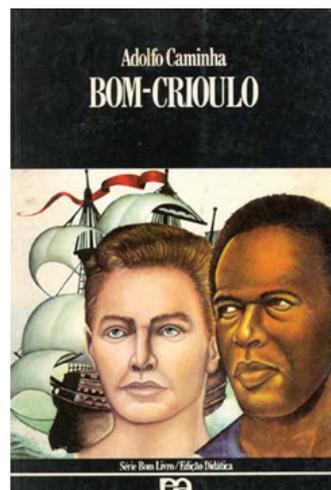


Fig. 07 - Bom-crioulo



Fig. 08 - Parada LGBT

Vinculados às vertentes do pensamento ocidental contemporâneo, os estudos *queer* questionam as estratégias normalizadoras que pretendem, historicamente, ditar e restringir as formas de viver a sexualidade, separando a sociedade entre normais (heterossexuais) e estranhos (homossexuais).

As questões do índio e do negro, mais do que as das mulheres e homossexuais tem uma particularidade para a literatura brasileira por estarem na base da formação

étnica brasileira. Historicamente esses grupos foram invisíveis aos historiadores e críticos da literatura. Nos momentos de formulação de identidade nacional para a literatura, como no Romantismo, o índio era posto como um herói, um símbolo nacional e, portanto, próprio para representar a terra brasileira que ora buscava se firmar perante o colonizador. Entretanto, esse índio era apresentado nos moldes do homem branco europeu. É o “índio de tocheiro. O índio filho de Maria, afilhado de Catarina de Médicis e genro de D. Antônio de Mariz” contra o qual o modernista Oswald de Andrade irá se colocar em seu *Manifesto antropófago*, de 1928 (ANDRADE, 1978, p. 18). Entretanto, mesmo no modernismo, quando Oswald de Andrade e Mário de Andrade fazem uma revisão da forma romântica de conceber o elemento autóctone - lembremos da figura transgressora de Macunaíma oposta a ilusão de pureza proposta pela personagem Iracema, de José de Alencar - não ocorre um interesse pelas produções indígenas. Ainda que basicamente ágrafa, os índios tinham seus próprios modos de produzir arte. Por isso que apontar a Carta de Pero Vaz de Caminha como o início da história da literatura brasileira, como fazem muitos manuais, é desconsiderar a tradição oral e a cultura dos povos indígenas.

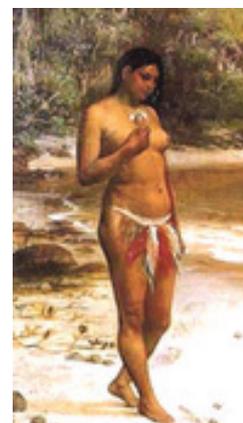


Fig. 09 - Iracema

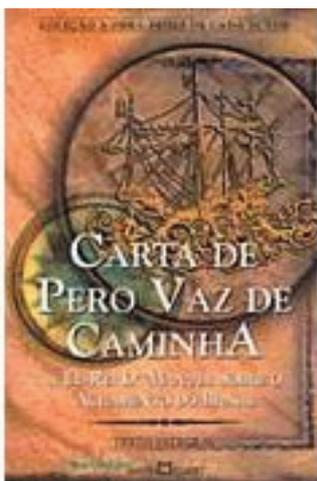


Fig. 10 - Carta de Pero Vaz de Caminha (capa)

O negro, na literatura brasileira, surge primeiro como personagem e mesmo assim apenas de forma secundária; “é como se os negros, forçados a cruzar os mares como escravos, tivessem deixado na costa africana todos os seus sistemas, formas, elementos e práticas culturais e religiosas” (SANTOS; WIELEWICKI, 2005, p. 291). Somente na segunda metade do século XIX, é que assumem o papel de protagonista numa poesia de Castro Alves ou num romance de Maria Firmina dos Reis, esta de origem negra. (Já falamos sobre ela na aula 1). Aliás, é também nesse período que os primeiros escritores negros aparecem - não que antes não existissem - mas, em sua maioria, não são comprometidos com a causa afro-brasileira. No século XX, muitos canais de divulgação da produção literária, em virtude das articulações do movimento negro, foram criados. Ainda assim, como a dos povos indígenas, a produção criativa dos afro-brasileiros não encontram um amplo espaço de publicação e divulgação.

Alguns nomes são mais conhecidos como o da mineira Carolina Maria de Jesus (1914-1977), catadora de papel e autora de *Quarto de despejo*, livro-diário que, nos anos 60, espantou a crítica ao relatar a fome cotidiana, a miséria, os abusos e preconceitos sofridos pela autora, seus filhos e outros moradores da favela onde morava.

Essa realidade tem sido atacada pelas leis que determinam políticas de afirmação da cultura negra e indígena. A lei nº 10.639, sancionada em janeiro de 2003, e a Lei 11.645, sancionada em Março de 2008, alteram a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, para inserir, ao lado da obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, a temática da “História e Cultura Indígena”. Essas iniciativas, certamente, impõem uma alteração no cânone, embora permaneçam, ainda, todos os tipos de preconceitos. Enquanto mais periféricas as obras, seja na temática ou na origem da produção (lugar da publicação, classe social do autor, etc), mais difíceis de alcançarem o reconhecimento. Mais difíceis, portanto, de atraírem a atenção dos historiadores da literatura. A imposição de uma lei, criando uma demanda nas escolas, poderá alterar esse quadro. Entretanto, é importante que o professor reflita sobre o papel das chamadas obras canônicas no currículo. Não se trata de exclusão de obras fundamentais por outras politicamente corretas. Trata-se de selecionar obras que atendam aos objetivos político-pedagógicos que direcionam a formação do aluno.



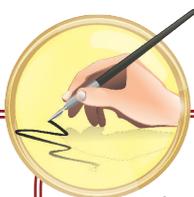
Fig. 11 - Maria Firmina



Fig. 12 - Carolina Maria de Jesus

Você poderá aprofundar esses assuntos e conhecer um pouco da história da literatura escrita por mulheres, homossexuais, negros e índios, refletindo sobre a relação entre literatura e sociedade ao pesquisar um pouco mais. Leia os textos indicados como leitura complementar ao final desta aula. Mas, por agora, dê uma paradinha e faça um exercício retomando algumas das discussões apresentadas ao longo dessa primeira parte da aula.

Para saber mais sobre a literatura afro-brasileira acesse: <http://outrosolharessobre.blogspot.com.br/2011/12/literafro-portal-da-literatura-afro.html>



Mãos à obra

1. O que você compreende como “estudos de gênero”?

2. Você acha relevante os estudos que discutam a literatura a partir de questões étnicas, como os estudos sobre escritores afro-brasileiros ou sobre a presença dos indígenas na literatura?

2. Literatura e estudos culturais

O traçado atual da relação entre literatura e sociedade começou a ser delineado no final dos anos 1950. Em 1957, o francês Roland Barthes publica *Mitologias* em que analisa diversos objetos culturais como, por exemplo, luta livre e propaganda. Roland Barthes tinha uma importante contribuição crítica de caráter estruturalista, mas seus estudos tomam o rumo da semiótica e alcançam, também, aspectos culturais. No livro *Mitologias*, o crítico tinha a intenção de demonstrar como, na verdade, era cultural o que parecia natural. Ele comenta como algumas construções culturais, como os mitos da modernidade, as celebridades do cinema, por exemplo, são construídos socialmente a partir de diversos fatores.

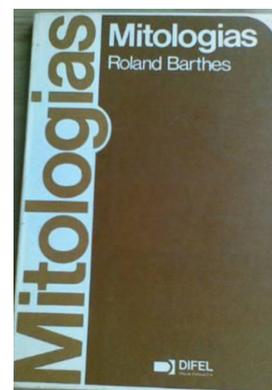


Fig. 13



Fig. 14 - o espelho de Delvaux.

Em 1958, Raymond Williams publica *Cultura e sociedade*, procurando recuperar uma cultura operária popular que estava esquecida porque a cultura era identificada com alta literatura. É o surgimento do que mais tarde ficaria conhecido como Estudos Culturais, que você já viu nas unidades anteriores. Embora haja diferenças nas perspectivas de Barthes e Williams, ambas foram decisivas na retomada do entendimento da literatura como um efeito de *mimêsis* ou, pelo menos, como não completamente autônoma do tecido social. Um espelho da realidade, mas não tão fiel a ela (como na pintura de Paul Delvaux (1897- 1994).

Os estudos culturais ocupam, hoje, uma importante parcela dos estudos literários, discutindo aspectos como a formação do cânone, as identidades nacionais, o local da cultura através de autores como Stuart Hall ou Homi Bhabha.

Para Hall, por exemplo, o conceito de raça é discursivo, não é fundamentalmente biológico, pois é uma "categoria organizadora daquelas formas de falar, daqueles sistemas de representação e práticas sociais (discursos) que utilizam um conjunto frouxo, frequentemente pouco específico, de diferenças em termos de características físicas – cor da pele, textura do cabelo, características físicas e corporais, etc. – como *marcas simbólicas*, a fim de diferenciar socialmente um grupo de outro. (HALL, 2006, p. 63).

Por isso, sob a perspectiva desses estudos teóricos, noções sobre gênero, raça, nação, precisam ser analisadas à luz das ideologias e dos discursos que a embasam e passam, assim, a constituir-se como definições culturais.

Uma das críticas que se faz aos estudos culturais é que estes, ao refazerem os laços entre literatura e sociedade, oferecem o risco de sobrepor o social ao literário ao ponto de negar a essa qualquer forma de autonomia. Além disso, existe, entre os defensores da alta literatura, o temor de se relegar ao esquecimento as grandes obras da humanidade, fundamentais para a formação do sujeito.

De qualquer forma, os estudos culturais, associados às ideias pós-estruturalistas operaram uma transformação nos estudos literários. A partir de uma concepção de cultura como fabricada, surgiram nas décadas de 1980 e 1990, influenciados principalmente pelas teorias de Foucault¹, o Novo Historicismo e o Materialismo Cultural. Nascidos, respectivamente, nos Estados Unidos e na Inglaterra, as duas tendências críticas, com algumas pequenas diferenças, concentram-se na construção da identidade e nos discursos como forma de poder. Investiga-se como, na literatura, se consolida uma posição ideológica, a subversão a ela e as formas de repressão à resistência.

1 Michel Foucault (1926-1984) importante filósofo francês, cujo principal foco de estudos são as relações de poder. Para conhecer mais sobre Foucault e suas ideias visite <http://educacao.uol.com.br/biografias/paul-michel-foucault.jhtm>

O entendimento de que literatura, sociedade e história estão interligados promoveu, como vimos, uma abertura dos estudos literários. A luta das mulheres foi determinante na alteração dos interesses da crítica. Hoje a crítica passou a prestar mais atenção às literaturas de autoria feminina, de minorias étnicas e sexuais.



Mãos à obra

1. Demonstre os aspectos comuns entre os estudos culturais e a crítica feminista e de minorias étnicas.



Um passo a mais

Para compreender melhor a crítica feminista e os estudos sobre negros e homossexuais, procure ler os textos a seguir. Eles formam dois capítulos de um livro que temos usado muito ao longo da produção dessas aulas.

Literatura de autoria feminina, de Lúcia Osana Zolin e *Literatura de autoria de minorias étnicas e sexuais*, de Célia Regina dos Santos e Vera Helena Gomes Wielewcki.

Ambos compõem o livro:

BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia O.(org.) **Teoria literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. 2 ed. Maringá: Eduern, 2005.

Lendo o texto abaixo, você conhecerá um pouco mais da Teoria *queer* e ainda poderá acompanhar como a autora a relaciona com a educação.

LOURO, Guacira Lopes. Teoria queer - uma política pós-identitária para a educação. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n2/8639.pdf>

Já sei!



Nesta aula, você estudou a origem e os desdobramentos da crítica feminista e sua interseção com os estudos de literatura. Também conheceu a evolução dos estudos culturais e sua importância na atualidade.

Autoavaliação



1. Ao longo desta aula, você pôde perceber que todas as teorias modernas vêm se debatendo sobre a questão das identidades. Para Stuart Hall, “as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado.” (HALL, 2006, p.7)

Com base nessa afirmação e nas leituras que você fez até aqui, elabore uma síntese que demonstre o quanto a crítica feminista e os estudos culturais estão imersos nessa discussão acerca das identidades na pós-modernidade.

Referências



ANDRADE, Oswald. **Do pau-brasil à antropofagia e às utopias**. 2. ed. Rio de Janeiro, 1978. Obras completas de Oswald de Andrade, v. 6.

BARTHES, Roland. **Mitologias**. 3 ed. Trad. de Rita Buongermino e Pedro de Souza. São Paulo: DIFEL, 1978.

BOSI, Alfredo. **Literatura e resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

CÂNDIDO, Antônio. Crítica e sociologia. In.: ____ **Literatura e sociedade**. 8 ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000; Publifolha, 2000. (Grandes nomes do pensamento brasileiro). P. p. 5 - 16.

_____. A literatura e a vida social. In.: _____ **Literatura e sociedade**. 8 ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000; Publifolha, 2000. (Grandes nomes do pensamento brasileiro). P. 17 - 35.

DUARTE, Eduardo Assis. BEZERRA, Kátia da Costa. Feminismo e desconstrução: anotações para um possível percurso. In: DUARTE, Constança Lima; DUARTE, Eduardo Assis. BEZERRA, Kátia da Costa. **Gênero e representação**: teoria, histórica e crítica. Belo Horizonte: FALÉ/UFMG, 2002.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. De Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

SANTOS, Célia Regina; WIELEWICKI, Vera H. G. Literatura de autoria de minorias étnicas e sexuais. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia O.(org.) **Teoria literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. 2 ed. Maringá: Eduern, 2005.

SOUSA, Ana Santana. **Literatura e História**. Unidade III. Natal: IFRN/UAB, 2010.

ZOLIN, Lúcia Osana. Literatura de autoria feminina. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia O.(org.) **Teoria literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. 2 ed. Maringá: Eduern, 2005.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e sociedade**. São Paulo: Nacional, 1969.

WOOLF, Virgínia. **Um teto todo seu**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

Fonte das figuras

Fig. 01 - <http://stoa.usp.br/cienciacultura/weblog/83454.html>

Fig. 02 - <http://ultradownloads.com.br/papel-de-parede/Simbolo-Masculino-e-Feminino/>

Fig. 03 - <http://efemerasletras.blogspot.com/2008/03/grandes-mulheres-leticia-mller-conta.html>

Fig. 04 - <http://www.koosb.com/livro.php?livro=9623>

Fig. 05 - http://en.wikipedia.org/wiki/Simone_de_Beauvoir

Fig. 06 - <http://integrandoaprender.blogspot.com/2011/05/genero-do-substantivo.html>

Fig. 07 - <http://minutoyaoi.blogspot.com.br/2009/08/livro-bom-crioulo.html>

Fig. 08 - <http://culturapopgls.blogspot.com.br/2011/08/parada-do-orgulho-lgbt-em-divinopolis.html>

Fig. 09 - <http://coretonovo.blogspot.com.br/2010/07/iracemas.html>

Fig. 10 - <http://www.submarino.com.br/portal/ResultadoBuscaAvancadaLivros/309573/?titulo=a+c+arta&autor=pero+vaz+de+caminha&editora=&secao=>

Fig. 11 - http://passeandopelocotidiano.blogspot.com.br/2009/11/ela-disse_20.html

Fig. 12 - <http://omenelick2ato.com/literatura/quarto-de-despejo/>

Fig. 13 - http://produto.mercadolivre.com.br/MLB-429076698-livro-mitologias-roland-barthes-_JM?redirectedFromParent=MLB235743081

Fig. 14 - <http://blogdofavre.ig.com.br/wp-content/uploads/2009/05/delvaux4.jpg>